

NORRABY

Missa com motivo do 50º aniversário da fundação

21 de março de 2017

Há um grande silêncio em Norraby. É um silêncio amigo, não hostil, que não te põe em defesa mas, ao contrário, te convida a abandonar-te e a abandonar todo o supérfluo.

Se olhas à tua volta aqui, em Norraby, vês grandes espaços vazios, afastados de qualquer casa. Em Norraby há só terra e céu, luz e noite. Um cartaz bem visível desde o quarto em que estou alojado me assegura: não é uma cidade de de papel. O lugar é real, um minúsculo ponto sobre o mapa do mundo.

Desde há cinquenta anos alguém vive aqui. Não conheço os pormenores da história desta fundação: em geral, as histórias são sempre complicadas, movidas. Mas agora estou aqui, pela primeira vez e me vem ao pensamento que uma gota da tinta com a qual Deus escreve a história da salvação caiu sobre este pedaço de terra perdido e o fecundou, o converteu em espaço de uma vida de homens, de crentes, filios em relação ao Pai, irmãos em relação entre eles.

Sei que no mundo de hoje pode parecer estranho, mas este silêncio não transmite uma sensação de afastamento. Tudo o contrário: transmite a sensação de uma relação, mais ainda: de uma rede de relações que são tão valiosas e delicadas, tão radicais e intensas que necessitam cautela, respeito, me atrevo a dizerr: a reverência que se deve ao sagrado.

Evoco a experiência de Elias sobre o Horeb: Deus não está nas manifestações deslumbrantes e estrondosas. A Sua presença deixa-se sentir numa “voz de silêncio subtil”, segundo o texto bíblico original. Ao adverti-la, Elias cobre o rosto com o seu manto: um gesto de submissão diante ao Deus vivente e de obediência à sua vontade. O famoso manto de Elias que será recolhido por Eliseu e, desse modo, pela vida religiosa, é, ao mesmo tempo, aquilo que nos cobre e nos esconde do mundo e nos põe na presença do Deus vivo: “Vive Deus, em cuja presença estou”.

O silêncio de Norraby não cala: tem uma voz que nos fala de algo que é, ao mesmo tempo, tão grande e tão pequeno que não conseguimos vê-lo. É a voz do mistério em que vivemos e que vive em nós. Permanecer aqui significa, creio, ser testemunhas fiéis de uma dimensão que nos escapa, de uma liberdade que o mundo não conhece.

Tudo o que estou a dizer pode parecer demasiado elevado, demasiado espiritual, demasiado místico. Mas o Carmelo teresiano não é elitista, não é um clube para os

happy few (os poucos afortunados) aos quais foi dado viver sobre alturas inalcançáveis para a maioria dos fiéis. O Carmelo de Teresa e de João, de Teresa do Menino Jesus e de Edith Stein e dos nossos restantes modelos, está feito de pobres que experimentaram a misericórdia de Deus. Só assim, podemos permanecer frente ao Vivente “com o coração contrito e o espírito humilhado”, como diz Azarías na primeira leitura que escutámos (*Dan 3,25.34-43*).

Estar aqui, em Norraby, no silêncio e na vasta soledade deste Carmelo tem, em realidade, um sentido e um fim, para o qual toda a Igreja e todos os homens tendem: aprender a amar. Como se possa amar, no-lo diz o Evangelho de hoje (*Mt 18,21-35*). É o amor de quem perdoa não uma vez, nem sete vezes, mas sem contar as vezes que perdoa. Quando se perde a conta, é sinal de que nos esquecemos de nós mesmos e só recordamos Aquele que nos amou primeiro e continua amando-nos sem medida, sem reservas, sem pedir-nos nada em troca. O pecado original é aprender a contar: a salvação é esquecer-se de contar.

Queridos irmãos de Norraby. Este é o meu desejo ao celebrar os cinquenta anos da vossa comunidade: que vos esqueçais de contar os vossos actos de amor e de reconciliação. Desejo-vos que percais também a conta dos anos de vida desta fundação, porque serão demasiados como para recordá-los mas, sobretudo, porque serão tão inovadores novos e cheios de amor que não vos farão olhar para o passado, mas sobretudo tender com esperança para o futuro.